

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**LOURO, Manuel Francisco do Estanco** (São Brás de Alportel, 1890 – Lisboa, 1953)

Professor, Etnógrafo e Linguista, nasceu no seio de uma família numerosa e modesta de agricultores da beira-serra algarvia, no sítio de Alportel, em São Brás de Alportel, à época uma freguesia rural do concelho de Faro. Concluiu, em 1904, com distinção, o ensino primário. Devido à sua viva inteligência, e a conselho do seu professor, a família decide que seja o único filho a prosseguir estudos no Seminário de Faro (1905-1910). Por manifesta falta de vocação eclesiástica, abandona o seminário e, custeando as suas despesas dando lições particulares, matricula-se no Liceu Nacional de Faro, concluindo o ensino liceal no ano lectivo 1910-11.

O jovem Estanco Louro vive intensamente, em Faro e em São Brás de Alportel, o movimento de ideais republicanos que irão marcar de modo indelével a sua atitude ética e cívica ao longo da vida. Em 1912, matricula-se na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no curso de Filologia Românica. À data eram professores desta faculdade José Leite de Vasconcelos e José Maria Rodrigues, de quem foi aluno, José Joaquim Nunes, filólogo, e David Lopes, arabista, que publicaram no âmbito da linguística, onomatologia, toponímia e etnografia portuguesas. Estes professores influenciaram a sua opção de investigação em torno da linguística histórica e da etnografia algarvias. No início do século, ambas as disciplinas protagonizaram um movimento científico, com amplo debate e formação de escolas de pensamento. Nesse ano, no início da sua formação universitária, escreve o artigo *Pronúncia dos ditongos no sub-dialecto do sotavento montanhoso algarvio* (1913), publicado no jornal são-brasense *Ecos do Sul*, que segue a corrente metodológica aplicada aos estudos linguísticos desse período, principalmente por Leite de Vasconcelos. Simultaneamente, inicia a recolha de dados para um estudo que pretendia sobre o falar alportelense. Entretanto, matriculou-se na então Faculdade de Estudos Sociais e Direito (1914). A inscrição em cadeiras ligadas a diversas ciências humanas - Estética e História de Arte, Literatura Espanhola e Italiana, História Moderna e Contemporânea, História da Filosofia Medieval, Geografia de Portugal e Colónias -, assim como a frequência de dois cursos revelam bem a grande variedade de interesses e a curiosidade humanística que sempre cultivou (viria aliás a colaborar na *Seara Nova*). Interrompe os estudos e a sua investigação quando em 1917 é recrutado e incorporado como oficial miliciano do Corpo Expedicionário Português que se dirige para a Flandres, onde enfrentará a dolorosa



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Batalha de La Lys. Tendo sobrevivido à guerra e necessitando de procurar um emprego estável, Estanco Louro matricula-se na Escola Normal Superior para se habilitar ao exercício do magistério liceal. Em Agosto de 1919 é professor agregado no Liceu Pedro Nunes e apresenta, como tese ao Exame de Estado, a dissertação *Do ensino da língua francesa em Portugal, especialmente na instrução secundária*, em que defende a aplicação do “método directo”, na aprendizagem das línguas, que se insere na escola de pensamento do “humanismo positivo”.

Estanco Louro pertenceu a uma geração de professores, que nas primeiras décadas do século XX, procuraram remodelar a metodologia do ensino em Portugal, promovendo uma pedagogia de bases científicas e as didácticas disciplinares que a aplicassem com êxito. Publica várias gramáticas, um estudo comparativo dos primeiros gramáticos portugueses do século XVI e, ainda, um estudo de literatura comparada do mesmo século. A pesquisa que realizou para estas publicações em torno da evolução histórica da língua portuguesa, discutindo aspectos da fonética, sintaxe e formação vocabular, e os estudos comparativos sobre cultura e línguas latinas serão fundamentais para a alteração de paradigma da sua investigação posterior, afastando-se de alguns cânones então vigentes na academia de letras. Ao evolucionismo histórico aplicado à linguística, com o inventário rigoroso da fonética, irá contrapor uma visão etno-geográfica que considera mais dinâmica e a aplicação da geografia linguística. À visão etnográfica de recolha de lendas e aspectos do folclore, que dominavam os estudos etnográficos, aplicará uma análise aos padrões de organização económica e social, condicionados pela geografia, ambiente natural e história local.

Neste período de intenso labor, de investigação e publicação, entre 1919 e 1929, também concluiu outros graus académicos: a licenciatura em Direito, em 1922 - exerceu aliás a profissão de advogado em Beja (1922-23) - e o Diploma de Estudos Camonianos, em 1927. Neste último, é distinguido pela dissertação e lição pública sobre o tema *Os Lusíadas e o povo português: no vocabulário*, na qual apresenta a primeira classificação lexicográfica e sublinha a importância da fala popular nesta obra de Camões. Convive e debate a sua investigação e ideias com outros intelectuais, em particular com Leite de Vasconcelos, pois o apaixonado interesse de ambos pela dialectologia e etnografia estreitara o relacionamento inicial entre mestre e discípulo, com o Dr. José Maria Rodrigues, que respeitava como mestre, e com Fidelino de Figueiredo, entre outros.

Finalmente, em 1929, vê publicada a obra que ambicionara na juventude e que o obrigara a 12 anos de recolha e sistematização dos dados de investigação - *O livro de Alportel*. O objectivo inicial sobre o *Falar alportelense* alargara-se a um estudo etnográfico e de história local, na sequência da contextualização histórica, social e económica que foi acrescentando. Submeteu-o ao Concurso de Monografias e foi premiado como a melhor monografia sobre uma região de Portugal. *O livro de Alportel* foi objecto de análise de Prista Monteiro, que o considera «um texto excepcional no conjunto da bibliografia sobre o Algarve» (p. 259). Realça, sobretudo, na obra de Estanco Louro «o método de observação e análise, enquanto etnógrafo, revela um rigor pela exactidão e sinceridade, onde valores pessoais e científicos coincidem,



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

simultaneamente revelando o etnógrafo como instrumento de trabalho de campo e a etnografia como algo mais que um simples inquérito de terreno» (p.265) *O livro de Alportel* é composto de vários livros temáticos reunidos num único volume, expondo em cada livro a geografia, a história, a economia, a demografia, o falar, os saberes e as tradições da beira-serra do sotavento algarvio. Segundo Prista Monteiro, «O livro de Alportel procura assim abarcar, à escala da totalidade dos tempos, todo o saber localmente relevante e que justifique a determinação política do futuro regional.» (p.267). Ainda no ano de 1929, concorre a doutoramento com *O livro de Alportel*. Contudo, após apresentação e defesa perante o júri, o seu exame foi suspenso e Estanco Louro permaneceria num “limbo” académico que o impossibilitaria de se candidatar à cátedra de Estudos Camonianos.

A partir desta data afasta-se do meio académico, dedicando os vinte anos seguintes à sua obra magna e inédita sobre linguística e etnografia algarvias, com os seguintes títulos: *Subsídios para o estudo da fala popular algarvia*; *Toponímia algarvia*; *Linguística I: geografia linguística e dialectologia comparada*; *Linguística II: os factos linguísticos e Etnografia Algarvia*. Nos prefácios de *O livro de Alportel* e *Os Lusíadas e o povo português: no vocabulário* estavam implícitos os motivos de um novo “olhar” sobre a classificação dialectal existente e para a diferenciação entre regionalismos e arcaísmos, que justifica: «Quando começámos a ler *Os Lusíadas*, aí por 1910, de vez em quando, aqui e além, encontrávamos escrita uma palavra, tal qual era pronunciada pela gente rude e mísera das serranias escandecidas do sotavento algarvio, tal qual eu a pronunciava na minha infância. O facto impressionava-me de sobre-maneira.» (p. 3) N’*O livro de Alportel* complementa «Vive ali a maior parte da língua morta de quinhentistas e pré-quinhentistas. Não queremos advogar aqui a adopção literária de uma fala dialectal. Queremos notar apenas que se deve acabar desde já com a designação geral de ‘arcaísmos’ para muitas palavras e modos de dizer, que têm ainda, para muita gente, uma vida pujante» (p. 211).

No seu manuscrito *Subsídios para o estudo da fala popular algarvia* (1936), afirma que o estudo da dialectologia em Portugal começou mal e está muito atrasado. A classificação dialectal elaborada por Leite de Vasconcelos servia de referência, desde a publicação de *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, em 1901, e baseava-se na existência de um certo número de fenómenos diferentes, fonéticos, morfológicos ou lexicais. Estanco Louro argumenta que este princípio de classificação era o mesmo de Jeronymo Contador de Argote e remontava a 1725, às suas *Regras da língua português* e questionava «Pergunto agora – se Argote e mesmo o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos conhecessem, quando escreveram os seus livros, o que hoje está publicado em livros e revistas, jornais, etc., por exemplo, sobre o falar algarvio, estabeleceriam a mesma classificação?» (fl. 1)

Contudo, Estanco Louro não pretendia estabelecer uma nova classificação dialectal mas contribuir, com a sua recolha e reflexão, para um conhecimento mais objectivo da dialectologia e para a futura organização de um atlas linguístico. Defende a sua tese alicerçando-se no Atlas de Guillerion, e defendendo o pressuposto de que o fenómeno da fala não se podia limitar à correspondência das palavras com os étimos,



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

com excepções aparentes por analogia. Havia que ter em conta «a larga influência que exercem no facto linguístico o espírito e o ambiente ou vida social», sem contudo se cair «em diletantismos, a descambar por vezes, em curiosidades ingénuas e primitivas, como em parte tem acontecido à filologia, onomatologia, etnografia, etc.» (fl.3). Imbuído da sua formação positivista, Estanco Louro almejava, através da aplicação correcta da geografia linguística, «conseguir o domínio do fenómeno linguístico, pela determinação de todas as leis que o regem (...) obedecendo ao processo científico de indução. (...) Sem o conhecimento tão íntimo e perfeito quanto possível da nossa fala popular, nos campos fonético, sintáctico, semantológico, lexical, etc., é vã, arbitraria e por isso hipotética ou provisória, qualquer classificação dialectal, com seus sub-dialectos e variedades» (Idem).

Considerava o estudo toponímico um capítulo substancial da geografia linguística. Defendia que o seu trabalho de pesquisa sobre a toponímia algarvia revelava que «a herança linguística pré-romana é bem maior do que se tem pensado, ao invés do que se tem pensado, que é bem menor que a herança sanguínea, a herança espiritual que os árabes nos transmitiram com o nome de lugares» (p. 11). E concluía que «Os dois factos são todavia suficientes para se estabelecer o princípio que a linguagem toponímica, isto é, a fala do livro da terra é sempre a última a morrer. E mais, é ela o mais perene dos vestígios de um povo» (p. 14). De acordo com a introdução da versão para impressão da *Toponímia algarvia*, recolheu ao longo de sete anos, cerca de 8000 topónimos que sistematizou em treze secções temáticas e acrescentou um índice toponímico que considera que será uma contribuição valiosa para o rico tesouro lexical da língua portuguesa, pois «o aparato da formação vocabular apresenta aqui, ao lado da abundância de sufixação, curiosas modalidades semantológicas desconhecidas dos gramáticos» (p. 11).

Na *Etnografia Algarvia*, datada de 1949, chama à atenção que esta obra tem de ser compreendida como um complemento e continuação de *O livro de Alportel* e das obras que diz preparadas para o prelo *Toponímia algarvia* e *Geografia linguística*. Este manuscrito foi transcrito pela Biblioteca Municipal de São Brás de Alportel e as suas 377 folhas revelam um estudo extremamente minucioso da organização da vida económica e social, fundamentado em dados estatísticos e contextualizado por uma introdução à geografia física da região algarvia. O facto de, e ao contrário d'*O livro de Alportel*, não ter desenvolvido um capítulo sobre tradições culturais e literatura oral, levam alguns etnógrafos a subvalorizar o seu contributo de natureza etnológica.

A pesquisa e a recolha, sistemáticas e detalhadas, de topónimos e termos da fala popular algarvias, dos meios e dos modos de organização da vida económica e social das populações, associadas à reflexão sobre os métodos que aplicou e os critérios que elegeu, ficaram inacessíveis à geração seguinte. Crítico e inovador relativamente ao seu mestre e amigo, Leite de Vasconcelos, será, no entanto, Paiva Boléo quem publicará um estudo de dialectologia baseado no método da geografia linguística, pelo qual havia pugnado. O mesmo se passará com os seus estudos etnográficos. Herdeiro dos saberes recolhidos por Estácio da Veiga e Athaide de Oliveira, o método inovador e arrojado que aplica a *O livro de Alportel* e a informação



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

comparativa que regista na *Etnografia algarvia* não serão mencionados ou discutidos pela geração de Manuel Viegas Guerreiro e Aliete Galhoz, para citar apenas investigadores algarvios.

Impossibilitado de custear edições de autor para obras tão volumosas e mantendo-se esgotados os títulos publicados entre 1919 e 1929, a situação de Estanco Louro foi bem resumida por Prista Monteiro nas seguintes palavras: «impedida a carreira, esquecido o livro...» (p.269). Mas a obra de Estanco Louro é basilar e incontornável para os estudos algarvios no âmbito da história, etnografia, geografia, arqueologia, sociologia e linguística. *O livro de Alportel* é um repertório de fontes e referências bibliográficas para a História do Algarve. Apesar do valor individual de cada uma das obras, é o conjunto que constitui uma fonte, preciosa e inexplorada, para a história regional. A longa pesquisa foi realizada a expensas próprias, calcorreando o Algarve nas férias escolares, recolhendo depoimentos, preenchendo inquéritos, anotando observações e relatos. Separar a sua obra de carácter linguístico da obra etnográfica é distorcer o real que tentou captar e fragmentar o valor hermenêutico destas fontes para a investigação actual.

*O Espólio Literário do Dr. Estanco Louro*, que a família mantém reunido, é vasto e abrange, além dos estudos já mencionados, entre os esparsos, estudos diversos de literatura e cultura portuguesa. Os valores que nortearam a sua investigação e a sua vida estão expressos na obra, de forma muito clara, desde os escritos de juventude. Revelam um espírito de grande independência intelectual, associado a uma extraordinária capacidade de horas de trabalho, de campo e gabinete, e um propósito firme no progresso do país pelo trabalho científico rigoroso. «Nunca pedi a ninguém para prefaciar qualquer livro meu. Tudo o que escrevo para público deve ter vergonha de uma mentalidade tutelada. Nenhum escritor deve estar obrigado a ninguém, a ninguém estar submisso» afirma, em 1927, na sua dissertação para obtenção do diploma de Estudos Camonianos.

Hoje, a obra de Estanco Louro continua desconhecida nos meios académicos porque permanece inédita e esgotada. O contributo que poderá dar à discussão científica só será revelado após a publicação e o estudo do conjunto da obra. Porém, o rico repositório que nos deixou em legado é um fundo documental, histórico e patrimonial valioso para o Algarve.

**Bibliografia activa:** *Do ensino da língua francesa em Portugal*. Lisboa, 1919; *Os Lusíadas e o Povo Português I: no vocabulário*. Lisboa: Livraria Pacheco, 1927; *Caderno de gramática portuguesa para uso da 1.ª, 2.ª, e 3.ª classes dos liceus*. Lisboa: Livraria Pacheco, 1927; *Gramáticos portugueses do século XVI: F. de Oliveira, J. de Barros, P. de M. de Gândavo, D. N. Leão*. Lisboa: Ressurgimento, 1929; *O “E” e o “I” em Português*. Lisboa: Ressurgimento, 1929; *A literatura de ideias na obra de Fialho de Almeida e os problemas nacionais*. Lisboa, 1929; *Raizes da alma latina: a riqueza, a mediana, a pobreza, o urbanismo, o rurismo*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929; *O Livro de Alportel: monografia de uma freguesia rural - concelho*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1929; *Caderno de gramática portuguesa*. Lisboa: Livraria Pacheco, 1932-1933. 2 volumes; *Os Lusíadas e o Povo Português II: princípios e críticas*. Lisboa: Livraria Sá da

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Costa, 1934; GARRETT, Almeida - *Viagens na minha terra*. Introdução e notas de Estanco Louro. Lisboa: Livraria Popular, 1935; “Batalha de La Lys” [transcrição do texto original]. In: *Ler História*. Lisboa,: ISCTE, 2002, nº 42, pp. 268-282

**Bibliografia passiva:** *Cinquentenário em memória de Manuel Francisco do Estanco Louro*. São Brás de Alportel: Câmara Municipal, 2003; DUARTE, Afonso da Cunha - *Terras de Alportel*. São Brás de Alportel: Casa da Cultura António Bentes, 2008; LOURO, Maria Lucília Estanco, PAZ, Ana Luísa – “Uma memória esquecida sobre a guerra de 1914-1918: a Batalha de La Lys”, In: *Ler História*. Lisboa: ISCTE, 2002, nº 42, pp. 249-282; MARREIROS, Glória Maria – *Quem foi quem? – 200 Algarvios do século XX*. Lisboa: Colibri, 2000; MARREIROS, Glória Maria – *Olhares: exposição evocativa da personalidade de Manuel Francisco do Estanco Louro*. São Brás de Alportel: Câmara Municipal de São Brás de Alportel, 2012; PRISTA MONTEIRO, Pedro – “O Livro de Alportel e a etnografia em Estanco Louro”; In: *Etnográfica*. Lisboa: Centro de Estudos de Antropologia Social, 1997, vol. I, nº 2, pp. 259-270.

Teresa Oliveira



APOIOS:

